



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

- Universidade de Coimbra -

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Jorge Miguel Borges Fernandes

2011124440

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO**

Coimbra

2013



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

- Universidade de Coimbra -

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Jorge Miguel Borges Fernandes

2011124440

**Relatório de Final de Estágio**

**Estágio Pedagógico desenvolvido no Agrupamento de Escolas de Montemor-  
o-Velho**

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Miguel Fachada.

Coimbra

2013

**Esta obra deve ser citada como** – Fernandes, Jorge (2013). *Relatório Final de Estágio. Dissertação de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

## **Agradecimentos**

Após atingir mais uma etapa da minha vida e do meu percurso académico, não posso deixar de agradecer a todos que contribuíram para que este momento se torne ainda mais especial.

À minha família (Pai, Mãe, Irmão), que sem o seu apoio, carinho e confiança durante este percurso, certamente não tinha chegada até aqui. Principalmente à minha mãe, por todo o esforço económico que realizou para que este sonho se tornasse realidade.

Aos meus avós já falecidos, por tudo aquilo que fizeram por mim, e que certamente estariam orgulhosos do seu neto após esta etapa.

À Ângela Guilherme, que foi a mulher que me acompanhou nesta vida académica, e muitas vezes me aturou e apoio quando eu mais precisava.

Aos meus amigos de Vila Nova de Cerveira, que são a malta mais porreira do mundo, com os quais partilho os melhores momentos da minha vida.

Ao André Lampreia e ao Rui Trovão, que desde o 1º dia me acolheram na faculdade, e que fizeram a minha integração ser mais fácil. Obrigado do fundo do coração.

À malta do 8º direito de Vila Real, pelos momentos que passamos juntos, e por me terem feito crescer como pessoa.

Ao núcleo de estágio de Montemor-o-Velho, por nos momentos mais difíceis termos sido uma verdadeira família, e por tudo aquilo que passamos juntos. Obrigado por me terem aturado. À orientadora Cristina Cachulo, que além de ter sido orientadora, ter sido uma amiga, e também por todo o conhecimento que ela nos transmitiu neste estágio.

Obrigado a todas as pessoas que me marcaram nestes 6 anos da minha vida.

## Resumo

A escolha do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário possibilita aos alunos aprofundar ainda mais os seus conhecimentos e experiências na área da Educação Física, promovendo a formação especializada, para que posteriormente esta se venha a aplicar. Esta aplicação é iniciada no estágio pedagógico, que culmina no segundo ano do ciclo de estudos. Este documento é intrínseco à unidade curricular de Estágio Pedagógico, presente no plano curricular do 3º e 4º semestre, do segundo ano, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

É no Estágio Pedagógico, que aplicamos os conhecimentos trazidos da licenciatura e também do 1º ano de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, ou seja, é o completar de um processo de ensino-aprendizagem, através de um variado leque de aquisição de competências adquirido em unidades curriculares como: organização e gestão escolar, projectos e parcerias educativas, estágio pedagógico e respectivo relatório.

A elaboração deste documento tem como objectivo reflectir sobre todas as vivências inerentes ao Estágio Pedagógico, transportando um conjunto de emoções e sentimentos experimentados, um conjunto de conhecimentos pedagógicos e científicos adquiridos, as questões dilemáticas, as situações problemáticas e as dificuldades sentidas e ultrapassadas, expondo as soluções utilizadas, assim como considerações de carácter profissional.

Numa primeira parte do documento é realizada a descrição de várias tarefas, de planeamento, realizadas ao longo do estágio, numa segunda parte é realizada a reflexão sobre os conhecimentos adquiridos e as práticas realizadas ao longo do estágio. Na parte final deste documento é apresentado um tema por mim escolhido, desenvolvido e analisado tendo em conta a minha experiência no decorrer do estágio pedagógico.

Em jeito de conclusão, de referir que este documento é uma complementação final do relatório de estágio, onde é realizada uma análise de todos os parâmetros de aprendizagem do próprio estagiário, e onde também o estagiário percebe como foi a sua prestação ao longo do mesmo, percebendo em que aspectos evoluiu, e aquilo que podia ter sido diferente para que todos os processos realizados corressem da melhor forma.

**Palavras-chave:** ensino-aprendizagem; planeamento; avaliação.

## **Abstract**

The choice of the Master in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education levels enables students to further deepen their knowledge and experiences in the Physical Education area, promoting specialized training, so that later it may be applied. This application started in teaching practice, which culminates in the second year of the course. This document is intrinsic to the Course of Teacher Training, existing in the curriculum of the 3rd and 4th semester of the second year of the Master in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, Faculty of Sport Sciences and Physical Education, from the University of Coimbra.

It's in Teacher Training, we lay on the knowledge brought from undergraduate and also from the 1st year of the Master of Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, it is the fulfilment of a process of teaching and learning through a wide range of acquisition skills acquired in courses such as: school organization and management, projects and educational partnerships, teaching practice and relating report.

The preparation of this document aims to reflect on all the experiences inherent in Teacher Training, carrying a set of emotions and feelings experienced, a set of pedagogic and scientific knowledge acquired dilemmatic issues, problematic situations and difficulties encountered and overcome, exposing the used solutions, as well as considerations of professional nature.

In the first part of the document it is achieved the description of various tasks, of planning, developed during the stage; a second part is held to reflect on the knowledge and practices held throughout the stage. At the end of this document it is presented a theme chosen by me, developed and analyzed in view of my experience during the teaching practice.

As a conclusion, it is absolutely necessary to refer that this document is a supplement to the final report stage, which is an analysis of all the trainee's learning parameters, and also the trainee's perception of his performance, realizing in which

aspects he performed evolution, and that which could have been different so that all performed processes ran smoothly.

**Keywords:** teaching-learning, planning, assessment



## **COMPROMISSO**

Jorge Miguel Borges Fernandes, aluno nº2011124440 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2.DESCRICÃO</b> .....	12
2.1.EXPECTATIVAS INICIAIS.....	12
2.2.CONTEXTUALIZAÇÃO.....	13
<b>2.2.1.A escola que me acolheu</b> .....	13
<b>2.2.2.O grupo de Educação Física</b> .....	15
<b>2.2.3.O núcleo de Estágio</b> .....	16
<b>2.2.4.Professores Orientadores</b> .....	17
<b>2.2.5.A minha turma</b> .....	18
<b>2.2.6.Participação nas Actividades Escolares</b> .....	20
2.3.DESCRICÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	21
<b>2.3.1.Planeamento</b> .....	21
2.3.1.1. <u>Planeamento anual de turma</u> .....	22
2.3.1.2. <u>Unidades Didácticas</u> .....	26
2.3.1.3. <u>Planos de Aula</u> .....	28
<b>2.3.2.Realização</b> .....	29
2.3.2.1. <u>Intervenção Pedagógica</u> .....	29
2.3.2.2. <u>Avaliação</u> .....	31
2.3.2.3. <u>Componente Ético-Profissional</u> .....	37
2.3.2.4. <u>Justificação das opções tomadas</u> .....	37
<b>3.REFLEXÃO</b> .....	40

3.1.APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO.....	40
3.2.COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS.....	42
3.3.INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	43
3.4.DIFICULDADES SENTIDAS E RESOLUÇÃO DAS MESMAS.....	44
3.5.ASPECTOS A DESENVOLVER NO FUTURO.....	46
3.6.QUESTÕES DILEMÁTICAS.....	46
3.7.IMPACTO DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	48
3.8.PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.....	49
<b>4.TEMA.....</b>	<b>51</b>
<b>5.CONCLUSÃO.....</b>	<b>56</b>
<b>6.BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>57</b>

## 1.INTRODUÇÃO

A elaboração deste documento insere-se no âmbito das unidades curriculares de estágio pedagógico e relatório de estágio, do 3º e 4º semestres do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este documento consiste na elaboração de um relatório que representa todo o meu trabalho desenvolvido ao longo do Estágio Pedagógico, como Estagiário, no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho no ano lectivo de 2012/2013.

O presente relatório está estruturado em diversas partes diferentes, sendo que todas estas partes abordam aspectos importantes na realização do Estágio Pedagógico. Este inicialmente descreve as expectativas iniciais relativamente ao Estágio Pedagógico, sendo este ponto importante pois é o ponto de partida para que o professor estagiário perceba de que forma evoluiu ao longo do ano lectivo. Posteriormente a este ponto são descritos parâmetros como: contextualização, a escola que me acolheu, o grupo de educação física, núcleo de estágio, professores orientadores, a minha turma, a minha participação nas actividades escolares, as actividades desenvolvidas, o planeamento e a realização.

Após a descrição dos vários parâmetros já referidos em cima, passamos à parte da reflexão acerca de parâmetros como: aprendizagens realizadas como estagiário, compromisso com as aprendizagens dos alunos, inovação nas práticas pedagógicas, dificuldades sentidas e resolução das mesmas, aspectos a resolver no futuro, questões dilemáticas, impacto do estagiário no contexto escolar, experiência formal e profissional.

Para finalizar o relatório desenvolvo e analiso um tema por mim escolhido, tendo em conta a experiência adquirida ao longo deste processo. Procuo neste tema ter uma visão critica e de procura de soluções de como motivar alunos para a prática da Actividade Física, tendo estes alunos muito poucas referências a nível desportivo, para que o processo de ensino-aprendizagem seja maximizado.

## **2.DESCRICÃO**

### **2.1.EXPECTATIVAS INICIAIS**

Quando fui colocado a dar aulas como estagiário no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, estava consciente que iria assumir um compromisso no ensino desta disciplina, fundamentalmente porque o professor assume um papel central no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Machado (1995), no desempenho da sua função o professor, pode moldar o carácter dos jovens e, portanto, deixar marcas de grande significado nos alunos em formação.

Queria estar envolvido em todo o processo de ensino-aprendizagem, para poder tirar o máximo de proveito das aprendizagens e experiências que iria viver. Pretendia com o estágio poder observar outros professores de maneira a enriquecer os meus conhecimentos, assim como, trabalhar em grupo para poder partilhar conhecimentos com outros professores (do departamento de Educação Física principalmente) de modo a poder evoluir e superar algumas dificuldades que encontre durante este difícil percurso.

Os estilos de ensino que pretendia trabalhar são o estilo por tarefa, e por descoberta guiada, estes são os estilos de ensino que mais me chamavam à atenção para poder desenvolver porque tem como características deixar o professor mais liberto para dar feedbacks e corrigir de forma mais pormenorizada os alunos, isto em relação ao estilo por tarefa. Relativamente ao estilo por descoberta guiada, a autonomia do aluno e o desenvolvimento da capacidade de raciocínio são as características apelativas a querer explorar neste estilo.

Pretendia também promover estratégias pedagógicas de diferenciação que aprendi durante o 1º ano do Mestrado, com o objectivo de fazer com que os alunos da minha turma obtivessem sucesso nas suas aprendizagens e também para evoluírem cada vez mais, cada um ao seu ritmo. Estabelecer uma boa relação aluno-professor era uma questão que queria dar prioridade, pois se o clima fosse favorável, e o respeito e a cooperação estivessem presentes, seria mais fácil realizar um bom trabalho da minha parte, mas também seria bom para a evolução do aluno. O planeamento de todo o ano lectivo e a calendarização de actividades e conteúdos

era algo que pretendia realizar em consonância com o meu orientador da escola, para que no futuro pudesse em autonomia realizar estas tarefas que são intrínsecas e fundamentais à função de professor.

As minhas expectativas passavam também por acompanhar trabalhos de coordenação e de ordem burocrática de maneira a ganhar experiência nestes aspectos também importantes na função de docente. Devido à minha pouca experiência dentro do ambiente escolar, irei sempre ouvir e pedir conselhos ao meu orientador de estágio, para assim poder criar e desenvolver as situações mais apropriadas para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

## 2.2.CONTEXTUALIZAÇÃO

### 2.2.1.A escola que me acolheu

A escola que me acolheu, o Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, é uma escola moderna e renovada, apresentando ótimas condições para a docência. Esta escola sofreu uma grande remodelação há cerca de 2 anos, com o intuito de juntar as escolas do concelho, formando assim um Mega Agrupamento que proporcionou uma maior qualidade do ensino praticado. A escola está dividida por pólos, estando destinado um pólo diferente para cada grau de ensino. Esta apresenta excelentes infra-estruturas e equipamentos para os alunos que ali se encontram a estudar.

Como espaços destinados às aulas de Educação Física, o Agrupamento tem ao dispor um polidesportivo coberto e outro descoberto que permitem a leccionação de modalidades como futsal, basquetebol, andebol, ténis, voleibol, corfebol, entre outras. O Agrupamento tem também ao seu dispor o pavilhão municipal de Montemor-o-Velho, que se encontra localizado mesmo ao lado da escola que permite leccionar todo o tipo de modalidades, mas que é mais utilizado para modalidades que necessitam de material específico como é o caso, por exemplo, da ginástica de aparelhos. A pista de atletismo com a respectiva caixa de areia, de dimensões reduzidas, é outra das infra-estruturas que o agrupamento oferece, permitindo assim o ensino de modalidades como é caso do atletismo.

O concelho de Montemor o Velho é uma zona rural, logo, e como esperado em qualquer meio rural a oferta desportiva existente não é muito elevada e variada, resumindo-se nomeadamente ao futebol, o que é normal pois este desporto é aquele que por tradição e cultura as pessoas no nosso país dão maior atenção. Esta fraca oferta desportiva afecta sobretudo o sector feminino, visto que em Portugal o futebol é visto como um desporto para o sector masculino e não um desporto onde também pode participar o sector feminino (apesar de haver futsal feminino, só para seniores) este é um facto que mesmo que as meninas desejassem praticar esta modalidade, a oferta na região seria nula e, por outro lado esta não é uma modalidade da preferência das raparigas. Também é um facto que as questões culturais influenciam os comportamentos dos indivíduos, atribuindo papeis diferenciados à mulher e ao homem. Este ponto de vista vem da cultura existente no nosso país, principalmente nos meios rurais, onde as mulheres ainda são vistas como “donas de casa”. No concelho de Montemor existe também um clube (clube infante de Montemor) onde se pode praticar basquetebol, canoagem, natação e polo aquático. O que na minha opinião é uma mais-valia para os jovens deste concelho, pois caso não optem pelo futebol, têm assim outras alternativas para a prática de actividade física. No entanto existe um grande handicap que torna a prática de actividade física mais difícil nesta região, que são os transportes, não havendo uma rede de transportes regular, ou o jovem tem o apoio dos pais para se deslocarem para os locais onde se realizam as actividades, ou os clubes assumem essa função, o que cada vez é mais difícil devido aos cortes orçamentais que se estão a fazer em todos os sectores, incluindo o desporto.

A minha turma é constituída maioritariamente por adolescentes do sexo feminino, isto leva-me a pensar que as suas referências desportivas são muito poucas. A pouca oferta existente, como referi em cima, e o facto de estes alunos serem todos oriundos de freguesias nos arredores de Coimbra faz com que as dificuldades em praticarem algum tipo de desporto sejam muitas. No início do ano lectivo estas são questões a ter em conta, porque planear aulas para um grupo de alunos do meio rural e com poucas referências desportivas, é diferente de planear aulas para alunos do meio urbano e com bastantes referências desportivas. Com esta informação no início do ano lectivo é de esperar que estes alunos sintam

bastantes dificuldades na aprendizagem dos conteúdos a abordar nas diferentes unidades didáticas, logo, a preparação das aulas e de todo o ano lectivo deve ser mais aprofundado, para que questões fundamentais para a evolução/aprendizagem destes alunos não sejam esquecidas. Toda a informação recolhida acerca deste meio foi o ponto de partida para a planificação anual das actividades.

### **2.2.2.O grupo de Educação Física**

O grupo de Educação Física do Agrupamento de escolas de Montemor-o-Velho é constituído por 13 professores, sendo 7 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Este é um grupo bastante unido (a provar isso são os vários convívios organizados pelo grupo) e todas as decisões são tomadas em conjunto. Sempre que foi necessária alguma orientação ou troca de espaços, todos os professores se mostraram disponíveis para colaborar, o espírito de grupo é algo que é bastante visível dentro deste departamento. A minha relação com o grupo foi bastante positiva, apesar de pensar que podia ter estado mais envolvido com todo o grupo, o que nem sempre foi possível, sendo normal ter mais contacto com alguns elementos do grupo do que com outros. Sempre que me foi possível participei e colaborei em actividades dinamizadas pelo grupo de Educação Física dentro e fora da escola.

Este pouco envolvimento com o grupo de Educação Física trouxe-me alguns problemas, nomeadamente, ao nível da preparação das aulas, para poder definir com tempo e em sintonia com todos os professores que leccionam ao mesmo tempo, que espaços cada professor pretendia utilizar e também que modalidade ou modalidades iriam leccionar, assim não correria riscos de chegar à aula e ter o espaço ocupado ou não ter o material que necessitava para a aula. Outro problema deste pouco envolvimento com o grupo de Educação Física foi a partilha de experiências, se tivesse um maior contacto com todos os professores do grupo certamente podia ter adquirido maiores experiências ao nível da profissão e certamente tinha evoluído ainda mais.



### **2.2.3.Núcleo de estágio**

Este núcleo de estágio é constituído por 4 estagiários, 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. De referir que antes de chegarmos ao estágio nunca tinha existido qualquer tipo de contacto entre nós, o primeiro contacto entre nós aconteceu no dia em que foram conhecidas as colocações para Estágio Pedagógico. Esta questão fez que o início de estágio fosse um pouco mais constrangedor, visto que o diálogo era pouco e não nos conhecíamos, com isto foi bastante mais difícil ultrapassar algumas barreiras que iam surgindo. Apesar de tudo isto é de salientar que bastante cedo se criaram boas relações de entendimento e também de ajuda. Com o tempo este Núcleo de Estágio revelou-se bastante unido e cooperante em todas as tarefas a desempenhar no Estágio. Esta cooperação e união adquiridas fizeram com que o nosso trabalho se tornasse um pouco mais facilitado pois a partilha de conhecimentos entre nós tornou-se essencial para a evolução de todos. Alguns exemplos disto foram: a partilha de ideias para a realização de exercícios, a colaboração em organizar as aulas (montagem de material).

A observação das aulas dos colegas foi outro aspecto importantíssimo ao longo deste Estágio, pois através da observação destas também aprendíamos e ultrapassávamos algumas dificuldades sentidas nas nossas aulas. As reflexões dessas aulas também se revelaram um aspecto positivo, pois não há turmas iguais e em todas elas passavam-se coisas que nas nossas aulas não aconteciam mas reflectíamos sobre isso, dando também sugestões de melhoria aos nossos colegas. Um dos estagiários leccionou o mesmo nível que eu (11º Ano), mas a sua turma era totalmente diferente da minha, e isso fez com que adquirisse alguns conhecimentos importantes acerca deste tipo de turma, que era uma turma mais evoluída, mas ao mesmo tempo com um comportamento durante as aulas pior, adquirindo conhecimentos sobretudo acerca de estratégias a utilizar aquando de leccionarmos uma turma com maus comportamentos. De grande importância revelou-se também os outros dois estagiários darem aulas ao 7º Ano, um nível de escolaridade muito diferente do que eu leccionei. Adquiri sobretudo conhecimentos ao nível das estratégias utilizadas para organizar os exercícios, a forma de contactar com os alunos também é diferente pois a sua idade a isso implica, porque são alunos mais inquietos e que gostam muito de brincar. Também estes leccionarem aulas de 45

minutos, algo que no 11º Ano não acontece, foi algo diferente com que me deparei, sendo a aula bastante mais curta tem que ser muito bem aproveitado o tempo útil de aula.

Segundo Lortie (1975), Munby & Russell, Zeichner (1993) citados por Freire (2009) “Os professores aprendem a ensinar, pela observação de aulas, aprendizagem através da observação, pelo desempenho na sala de aula, aprendizagem através da acção instrucional”

#### **2.2.4. Professores orientadores**

A professora orientadora da escola, Professora Cristina Cachulo, foi desde o 1º momento uma pessoa acessível, colaborante e sobretudo mostrou-se bastante exigente, marcando desde logo uma série de reuniões com vista à revisão de alguns conceitos e matérias abordados no 1º ano de mestrado e também durante a licenciatura, contribuindo desta forma para a boa relação que se estabeleceu e sobretudo para a nossa preparação para a entrada numa nova realidade. A vasta experiência em leccionar e a forte convicção das suas ideias, foi algo que também foi bastante notório desde cedo, contribuindo assim para também nós desde cedo trilharmos o nosso próprio percurso. A pertinência das observações e conselhos transmitidos quer no final das aulas, quer em todos os aspectos relacionados com as actividades a dinamizar pelo Núcleo de Estágio, foram determinantes no nosso processo de evolução e, naturalmente, no sucesso final. A sua grande disponibilidade para ajudar os estagiários é algo que devo salientar, sobretudo na preparação das aulas e também na criação de estratégias, para as mesmas maximizarem o processo de ensino-aprendizagem.

O professor orientador da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, o Mestre Miguel Fachada, contribuiu também, de uma forma relevante para o meu percurso neste estágio. Este revelou-se acessível em todos os aspectos, foi bastantes vezes à escola, contribuindo com a sua opinião de forma a melhorarmos a nossa prestação, sugerindo exercícios e também reflexões a realizar sobre o tipo de exercícios que estávamos a propor aos alunos.

Os dois orientadores tiveram uma forte influência no meu desempenho, e na minha evolução ao longo deste percurso como professor, como comprova Harbermas (1982) citado por Freire (2009) “Os professores aprendem a ensinar pela interacção com os seus pares e com os seus orientadores, aprendizagem através da acção comunicativa.”

### **2.2.5.A minha turma**

No início do ano foi realizado um questionário, realizado pelo Núcleo de Estágio, onde pretendíamos retirar o máximo de informações possíveis acerca dos alunos nomeadamente ao nível socioeconómico, sócio – afectivo, psicológico, escolar e desportivo. Foi também possível consultar documentos disponibilizados pela directora de turma correspondente à caracterização da turma de forma a retirar ainda mais informações úteis dos alunos possibilitando um maior conhecimento dos mesmos optimizando e adequando o planeamento de acordo com estas informações.

Realizando uma caracterização da turma B do 11º ano, posso então dizer que é uma turma homogénea, com 21 alunos, na qual 3 alunos são do sexo masculino e 18 alunos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos.

Esta é uma turma que a maioria dos alunos têm a sua residência nos arredores de Montemor-o-Velho, ou seja, vivem no meio rural. Na sua grande maioria, estes alunos apresentaram um nível de conhecimentos e de prática desportiva muito baixa e tinham poucas referências desportivas. Efectivamente, a grande maioria destes alunos(as) da turma apresenta grandes dificuldades nas diferentes matérias leccionadas. A sua fraca experiência e escassas referências desportivas, realçam estes problemas, no entanto, consideramos que revelaram igualmente, uma atitude pouco dinâmica, pouco concentrada, de pouco envolvimento e empenhamento, o que condicionou a sua progressão. Apesar de serem alunos modestos, interagindo positivamente, era fundamental tivessem investido mais nas suas aprendizagens. Neste sentido foram criadas estratégias, como retirar um dos aparelhos (normalmente abordávamos dois por aula), para que assim eu como professor

estivesse mais disponível para estar junto dos alunos e incentivá-los/ajudá-los a repetir as tarefas propostas, para poderem evoluir e assim tornarem-se mais autónomos nas suas acções. No início do ano lectivo o que fazia transparecer ser uma turma unida e cooperante, assim não o foi durante muito tempo, mostrando-se uma turma onde existiam grupos e rivalidades, estes grupos e rivalidades revelaram-se através de comentários negativos entre eles e discussões constantes para a formação de grupos de trabalho. Este problema foi combatido, optando por uma estratégia de união entre todos, não olhando a caras ou a nomes na hora da formação de grupos, para que assim os alunos tivessem que se entender para poder realizar as tarefas propostas e para que todos pudessem chegar ao sucesso.

Um dos alunos, que é um adolescente com alguns problemas do foro clínico, e é acompanhado por psicólogos devido à sua forma (muito negativa) de lidar com o insucesso, revelou ao longo do ano lectivo alguns problemas de integração na turma. Comecei a aperceber-me destes problemas de integração, em algumas atitudes demonstradas pelos seus colegas de turma perante algumas dificuldades sentidas pelo mesmo na realização de algumas tarefas. Quando foi necessário criar grupos de trabalho para a realização de coreografias tanto na G. Acrobática como na Dança, a sua integração nos grupos também não foi fácil, porque ninguém o queria no seu grupo, pois este revelava-se pouco empenhado e interessado em realizar as tarefas de grupo. De forma a tentar minimizar a situação, comecei por conversar individualmente com os alunos que mais “chocavam” com este, tentando fazê-los perceber que este aluno é um rapaz com características bastantes especiais e que deveriam evitar entrar em confrontos com este. Em relação aos grupos de trabalho, em conversa com este aluno, sensibilizei o aluno para que assumisse o compromisso de se empenhar e esforçar pelo seu grupo de trabalho para assim este se poder integrar no mesmo. Em conversa com o seu grupo de trabalho sensibilizei o mesmo a criar coreografias que este pudesse acompanhar, para que assim este aluno não se sentisse incapaz de realizar a coreografia.

Como acima referido, estes alunos têm poucas referências desportivas e um nível de motivação bastante baixo para a aprendizagem de algumas modalidades (ex. Futsal e Basquetebol), estando estes alunos num nível de ensino (11º Ano) já bastante elevado e chegando a este ponto do ensino com muito poucas bases,

nomeadamente ao nível dos desportos colectivos, fui percebendo ao longo do ano lectivo que abordar estas modalidades não motivava os alunos. De forma a motivar os alunos optei por acabar estas modalidades mais cedo que o previsto, inserindo assim algumas modalidades novas (orientação e dança por opção dos alunos). Algo que tive que melhorar muito ao longo do ano foi a instrução, a demonstração e a organização dos exercícios, isto porque estes alunos como tinham algum défice de atenção e de referências a nível desportivo, foi necessário criar algumas estratégias para que eles ficassem a perceber o que eu realmente queria dos exercícios. O questionamento aquando da instrução para manter os alunos atentos, a realização da demonstração o mais perfeita possível com o pretendido, e a clareza e simplicidade com que preparava as instruções foram algumas das estratégias encontradas para resolver este tipo de problemas.

A ida a um health-club foi uma actividade que realizei, depois conversar com a orientadora chegamos à conclusão que era necessário sensibilizar estes alunos para a prática regular de actividade física. Foi também um objectivo nosso passar a mensagem aos alunos que há locais apropriados para a realização da actividade física, e também pessoas profissionais na área que podem ajuda-los a realizar esta actividade física de uma forma segura e divertida. Com esta actividade os alunos ficaram a perceber uma variedade de actividades físicas que se podem realizar num health club e como funciona um health-club.

### **2.2.6.Participação nas actividades escolares**

Nesta escola onde realizei o estágio, são realizadas várias actividades ligadas à Educação Física, tendo eu participado em algumas, que foram as que consegui estar presente. Dentro da escola, pude estar presente e colaborar na organização e realização do corta-mato, do mega-sprint e do mega-salto. Fora das instalações escolares colaborei na ida da escola ao corta-mato distrital disputado em Coimbra.

A participação nas actividades escolares foi de grande importância pois percebi que o trabalho de professor não se restringe apenas às actividades com a turma na leccionação da disciplina. Como estagiário esta participação foi importante para

ganhar experiência na ida com alunos a locais fora da escola, na organização de algumas destas actividades. Como professor percebi que esta é uma forma de alargar o leque de experiências dos alunos no seio das Actividades Físicas Desportivas, reforçando as finalidades da disciplina junto dos alunos.

## 2.3.DESCRICÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

### 2.3.1.Planeamento

“O programa de ensino numa dada disciplina assume quase um «caracter de lei» e possui o lugar central no conjunto dos documentos para o planeamento e preparação directa do ensino pelo professor. Mas não é o único documento de referência para a realização do ensino. É complementado e interpretado por uma série de documentos e materiais auxiliares que ajudam o professor a concretizar e adaptar as exigências centrais às condições locais e situacionais da escola e da classe ou turma.” Bento, J. (2003)

O planeamento é o ponto de partida para a elaboração de qualquer projecto que tenha como principal finalidade o sucesso, este deve ser elaborado presumindo as possíveis falhas e minimizando os erros, tentando assegurar desta forma o máximo de qualidade na realização das tarefas propostas. Este processo de planeamento é bastante complexo, pois pretende-se que o processo de ensino-aprendizagem seja o mais rigoroso, criterioso e objectivo possível. O planeamento exige do professor um conhecimento e um domínio não apenas das técnicas de planeamento, como também da capacidade de adaptar os conhecimentos científicos ao conhecimento do contexto real existente (sociedade, meio, escola e alunos).

É também importante referir que os documentos produzidos durante esta fase de planeamento são flexíveis, ou seja, têm um caracter dinâmico, passível de ser alterado consoante as necessidades que possam ocorrer ao longo do ano.

#### 2.3.1.1.Planeamento Anual de Turma

“A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano lectivo – Um plano exequível, didacticamente exacto e rigoroso, que oriente para o essencial, com base nas indicações programáticas e em análises da situação na turma e na escola.” Bento, J. (2003)

O plano anual de turma, tem como principal objectivo o planeamento das actividades a realizar ao longo do ano lectivo, no âmbito da disciplina de Educação Física. Este constitui uma ferramenta de trabalho indispensável ao papel de professor na medida em que pretende orientar todas as suas acções e intervenções didácticas durante o ano lectivo.

Na elaboração do plano anual consta a definição de objectivos anuais, um conjunto de estratégias para a obtenção dos mesmos e o processo avaliativo. Para definir os objectivos anuais comecei por realizar uma caracterização do meio e da escola, analisando o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho e do do Projeto Curricular de Educação Física da Escola (AEMV). O passo seguinte foi a caracterização dos alunos e da turma, para isso realizamos a avaliação diagnóstica nas três áreas de extensão da Educação Física, na área dos conhecimentos através de um teste escrito de diagnóstico para perceber o nível de conhecimentos dos alunos em termos teóricos, na área das actividades físicas onde realizámos a avaliação diagnóstica segundo os objectivos estabelecidos para o último ano que os alunos tiveram a modalidade, e na área da aptidão física onde realizámos o teste de fitnessgram para perceber qual o ponto de situação dos alunos a nível físico e assim determinar objectivos intermédios e finais a atingir segundo a zona saudável de aptidão física. Ao nível das estratégias traçadas para a obtenção dos objectivos anuais propostos, em relação ao modelo de planificação que adotamos foi um modelo de planificação misto, essencialmente por etapas, ajustando-se ao “roulement” de instalações que, no entanto, não condicionou significativamente a calendarização das actividades da turma. Os ajustamentos realizados foram essencialmente em função do número de professores nos espaços em que também nos encontrávamos e das matérias e recursos

materiais que estariam a utilizar (sobretudo quando estavam a abordar as mesmas matérias que nós). Foi também necessário decidir em que fase da Unidade Didáctica iríamos iniciar, desenvolver ou consolidar a abordagem de determinados conteúdos, isto influenciou de forma direta a calendarização das matérias e também distribuição de conteúdo. Este permitiu uma maior distribuição das aprendizagens, ciclos de revisão, consolidação e aplicação e possibilitou ainda aulas poli e monotemáticas. Desta forma conseguimos trabalhar de acordo com as necessidades dos alunos, como também, de acordo com os espaços e materiais disponíveis. Os modelos e estilos de ensino utilizados, estes foram de acordo com as diferentes modalidades, com a função didáctica das Unidades Didácticas, e ainda, de acordo com os diferentes níveis de desempenho dos alunos nas matérias abordadas. Relativamente ao modelo de ensino dos Jogos Desportivos Colectivos (Basquetebol e Futsal – jogos da mesma categoria, ou seja, com princípios de jogo idênticos), utilizámos quer o modelo Teaching Games for Understand, sobretudo numa fase inicial (revisão de conteúdos). Procurando atender aos objectivos que considerámos prioritários, contemplámos uma prática transferível a partir da assimilação dos princípios comuns entre jogos, combinando a exercitação e formas de jogos modificados/adaptados e reduzidos, orientados para compreensão do jogo (razões do fazer), integrando, posteriormente, a sua especificidade técnica (modo de fazer). Por outro lado, recorreremos a um modelo “tradicional”, nomeadamente na abordagem das técnicas, recorrendo a situações simplificadas, associando no entanto, várias habilidades e aproximando-as do contexto real da atividade referente, considerando sempre que, as técnicas suportam as ações táticas do jogo - ex: passe para progredir; fintar para desenquadrar adversário. Optámos por este modelo de ensino, para a abordagem de alguns conteúdos de carácter técnico, sobretudo em função da sua maior complexidade, como é o exemplo da interpretação da regra dos apoios no Basquetebol (paragens e rotações). Na abordagem dos diferentes conteúdos, procurámos progredir de tarefas “fechadas”, para que os alunos percebessem várias formas de se movimentar em contexto de jogo, para as tarefas “abertas” no sentido de desenvolver a interpretação e a tomada de decisão – compreensão do jogo, isto numa fase mais adiantada da unidade didáctica para que os alunos conseguissem eles mesmos ler o jogo e transferir esses conceitos para exercícios 3x3. Em relação à ginástica de aparelhos o modelo de ensino foi essencialmente por progressões



pedagógicas, onde decompúnhamos o gesto a ensinar aos alunos para assim ser mais fácil para estes assimilarem o gesto assim como algumas progressões pedagógicas para aqueles alunos que sentiam mais dificuldades em conteúdos já abordados anteriormente como é o caso do rolamento à frente. No que há Ginástica acrobática diz respeito utilizámos um estilo de ensino por descoberta guiada, utilizando auxiliares durante as aulas com algumas orientações para os alunos, neste sentido tentamos promover a autonomia e a responsabilidade dos alunos.

Assim, de acordo com a pertinência do princípio metodológico - diferenciação pedagógica, diferenciámos os objetivos a alcançar por cada grupo de nível para cada uma das matérias em que tal se justificou. A formação de grupos de nível diferenciados dentro da turma foi outra das estratégias que defini no início do ano, esta deveu-se a uma grande diferença encontrada nos conhecimentos técnicos e tácticos entre os alunos. Com base nos dados recolhidos através da avaliação diagnóstica realizada, a organização dos alunos em grupos de nível de proficiência constituiu também uma estratégia bastante assertiva pois permitiu que todos os alunos tivessem determinados objectivos consoante o seu nível. Então definimos objectivos diferentes para os dois grupos de alunos, para que estes fossem capazes de alcançar, mediante as suas capacidades e respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um fomentando/potenciando a inclusão de todos.

No plano Anual foi também definido todo o processo de avaliação, para a realização do mesmo comecei por analisar as finalidades da disciplina de Educação Física, no que à aptidão física diz respeito, visa a melhoria da qualidade de vida, saúde e bem-estar, em relação às atitudes favorecer a compreensão e aplicação dos princípios, processos e problemas de organização e participação nos diferentes tipos de actividades físicas, na perspectiva da animação cultural e da educação permanente, em relação à actividade física promover o gosto pela prática regular das actividades físicas e aprofundar a compreensão da sua importância como factor de saúde ao longo da vida. Estas três áreas de extensão da Educação Física estão em conta na avaliação realizada, assim sendo em relação à área das actividades físicas estão inseridos os conhecimentos (objectivo, regras, formas de execução), as atitudes (empenho/correção), em relação aos conhecimentos descritivos os alunos

foram avaliados através de testes escritos e questionamento ao longo das aulas, falando da aptidão física (fitnessgram) foram avaliados os níveis de desenvolvimento/aptidão nas áreas da resistência aeróbia, flexibilidade, força média e superior com o objectivo de situar os alunos na zona saudável, os alunos que já se encontram na zona saudável o objectivo é que estes, mesmo assim, melhorem as suas aptidões físicas aumentando gradualmente estes objectivos ou diminuindo segundo a evolução dos alunos ao longo do ano lectivo.

Esta é uma forma muito abrangente de realizar a avaliação, este processo de avaliação foi bastante trabalhoso e minucioso, levando o professor a pensar constantemente em formas de melhorar as aprendizagens dos alunos nas várias áreas de extensão da Educação Física, para os resultados destes serem cada vez melhores. A realização de questionários aos alunos durante as aulas foi algo difícil de realizar pois é preciso dominar bem os temas e anotar todas as informações pertinentes reveladas pelos alunos. Aquando da minha passagem pelas aulas de Educação Física na escola que frequentei entre o 5º e o 12º ano, os professores apenas realizavam avaliação às prestações dos alunos a nível táctico e técnico, isto para mim foi um grande desafio pois foi uma realidade totalmente diferente daquela que tinha experimentado, neste caso o aluno é avaliado no seu todo, ou seja, não só ao nível das acções tácticas e técnicas das diferentes modalidades mas também em relação a conhecimentos teóricos, nível de aptidão física e empenho dos alunos.

A preparação deste documento foi fundamental porque descreve todo o processo de ensino-aprendizagem desejado para o aluno, foi também importante porque foi neste que construímos as nossas directrizes base para o decorrer do ano lectivo. As maiores dificuldades sentidas na elaboração deste documento foi a articulação de todos os itens inerentes à elaboração do mesmo, a elaboração deste documento requer alguma experiência por parte de quem o realiza, pois é necessário definir e delinear algumas estratégias para as quais é necessário ter alguma experiência. Foram realizadas algumas alterações a este plano anual porque aquilo que definimos/delineamos no início do ano nem sempre se concretizou principalmente ao nível da concretização dos objectivos propostos, com isto posso afirmar que este é um documento flexível e que está em constante adequação.

### 2.3.1.2.Unidades Didácticas

“As unidades temáticas ou didácticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.” Bento, J. (2003)

A unidade didáctica constitui um documento orientador de toda a prática de ensino de uma matéria/modalidade, pois integra toda a informação considerada fundamental para o desenvolvimento harmonioso de todas as actividades de ensino e de aprendizagem. Na elaboração deste documento, tive em conta toda a informação necessária para que o processo ensino/aprendizagem se tornasse o mais eficaz quanto possível. Para além de um conjunto de pressupostos que importa conhecer para o ensino de cada modalidade, o documento incluía, os resultados e tratamento de dados resultantes da avaliação diagnóstica, a partir dos quais foi possível definir os objectivos específicos a alcançar no final da unidade didáctica. A avaliação diagnóstica das modalidades a abordar considerava os objectivos definidos para o último ano em que abordaram a modalidade em questão. Ao nível da área de extensão das actividades físicas procuramos avaliar/diagnosticar o nível de desempenho qualitativo dos alunos, a atitude com que realizavam as tarefas propostas e os níveis de conhecimentos em situação prática.

Ao optarmos pelo modelo de planificação misto, essencialmente por etapas, pretendíamos prolongar ao longo de todo o ano lectivo, ou durante um período mais alargado, a aprendizagem de cada matéria, sistematizando-a através da aplicação de uma prática transferível entre modalidades da mesma categoria. Desta forma, seria necessário definir, prioritariamente, um conjunto de objectivos que requeriam um tratamento “mais urgente”, e ainda, aqueles que seriam os objectivos intermédios e diferenciados a alcançar no final de cada período lectivo. A definição destes objectivos intermédios tornou-se fundamental quer para definir as etapas da unidade didáctica quer para regular as aprendizagens dos alunos, definindo ou ajustando se necessário os seus objectivos. As avaliações intermédias em conjunto com a avaliação das estratégias pelas quais optamos para cada uma das aulas, constituíram a avaliação formativa. A avaliação formativa foi realizada ao longo do

ano, para isso foi criada uma grelha onde ia registando os comportamentos/desempenhos dos alunos, com o objectivo centrado na definição de estratégias para resolver as dificuldades apresentadas pelos alunos durante as aulas.

Após a avaliação diagnóstica definimos diferenciadamente os objectivos anuais/finais, de acordo com as necessidades/possibilidades dos alunos, definindo posteriormente a extensão e sequencialização de conteúdos e justificação das mesmas. Este processo iniciou-se pela selecção de conteúdos a abordar ao longo da unidade didáctica. Como foi referido anteriormente demos prioridade a alguns conteúdos fundamentais para a compreensão da modalidade, nomeadamente de carácter tático. Para tal, recorremos ao modelo de ensino “misto”, como é referido em cima, possibilitando-nos a revisão de conteúdos abordados pelos alunos em anos anteriores ou mesmo até rever conteúdos abordados neste mesmo ano. Este tipo de planificação permite que o número de aulas de cada unidade didáctica seja bastante mais alargado, e também permite ajustar este número de aulas consoante as dificuldades/necessidades apresentadas pelos alunos. O número de aulas que foi inicialmente previsto (sendo esta distribuição flexível, pois pode ser alterado consoante os espaços disponíveis ou recursos materiais disponíveis ao longo do ano, assim como pode ser alterado consoante as necessidades dos alunos apresentadas) para cada unidade didáctica foi: Futsal 14 aulas, basquetebol 15 aulas, ténis 16 aulas, ginástica acrobática 19 aulas, ginástica de aparelhos 15 aulas, orientação 8 aulas e dança 8 aulas.

As unidades didácticas abordadas ao longo do ano lectivo foram as seguintes: Basquetebol, Futsal, Ténis, Ginástica Acrobática, Ginástica de Aparelhos, Dança e Orientação.

#### 2.3.1.3.Plano de Aula

O plano de aula foi estruturado pela professora orientadora e facultado aos estagiários para que a partir da sua estrutura-base estes fossem criados. O plano de aula deve ser um documento simples e de fácil compreensão/interpretação, é ao mesmo tempo um documento pessoal mas que qualquer outro professor possa entender. É um documento orientador da aula, flexível e representa o elo de ligação

entre o conteúdo da Unidade Didáctica e as aprendizagens visadas., dando coerência e continuidade à extensão e sequencialização de conteúdos na persecução dos objectivos definidos.

Assim, o cabeçalho do plano de aula refere informação acerca da aula a realizar – data, horário, duração, local, recursos materiais, objectivo específico da aula, função didáctica da aula, estilos de ensino a utilizar e sumário. O restante plano de aula divide-se em 3 partes diferentes, que são parte inicial, fundamental e final, e dentro destas o plano dividia-se em 4 colunas, onde eram descritos os conteúdos e contexto da acção/ situações de aprendizagem, descrição e organização das tarefas/estratégias de ensino, objectivo específico, e por fim componentes críticas/critérios de êxito.

O plano de aula é uma ferramenta essencial para o professor, pois é nele que estão reflectidas as nossas ideias e linhas orientadoras da aula, um plano de aula deve estar sempre articulado com o anterior e com o posterior, ou seja, não há aulas isoladas. As principais dificuldades sentidas na realização do mesmo foram articulação da selecção de exercícios adequados aos conteúdos a abordar, consoante as características da turma e segundo os recursos disponíveis, outra dificuldade encontrada foi a definição dos critérios de êxito e das componentes críticas a observar, porque estas são importantes para podermos definir com clareza aquilo que queremos ver desempenhado por parte do aluno. A realização de progressões pedagógicas foi uma dificuldade que tive de ultrapassar, pois foi muitas vezes difícil encontrar progressões pedagógicas adequadas à turma, isto porque de uma certa forma foi necessário encontrar recursos materiais que a nós como estagiários com pouca experiência nos passam ao lado, por desconhecimento. Um aspecto que foi muito trabalhoso foi a fundamentação das aulas, mas que foram de grande utilidade pois fez-me reflectir acerca das aulas e da forma como estas estavam a correr. Com esta fundamentação conseguíamos situar o ponto de aprendizagem dos alunos e se estes estavam a evoluir ou não, conseguíamos também reflectir acerca de estratégias a introduzir nas aulas sempre com o intuito de melhorar as aprendizagens dos alunos. A adequação do feedback e do tipo de intervenção a realizar pelo professor foi algo que estas fundamentações me levaram

a reflectir e a melhorar este aspecto. A justificação das opções tomadas promoveu o desenvolvimento da minha capacidade reflexiva e da autonomia.

## **2.3.2.Realização**

### 2.3.2.1.intervenção pedagógica

*“As técnicas de intervenção pedagógica prendem-se com um vasto número de destrezas que o professor deve dominar e desenrolam-se em quatro dimensões: instrução, gestão, disciplina e clima”. (Siedentop, 1983)*

As principais dificuldades que senti tiveram que ver com a intervenção pedagógica, e foram ao nível da dimensão instrução, esta dificuldade deveu-se essencialmente ao meu nervosismo apresentado perante estas situações, isto fez com que várias vezes não conseguisse transmitir aos alunos a ideia que realmente queria passar para estes. Em relação aos feedbacks, a principal dificuldade foi a qualidade do feedback, ou seja, transmitir aos alunos o que eles estavam a fazer bem ou mal e como tinham que melhorar, esta dificuldade deveu-se sobretudo à falta de conhecimentos específicos acerca das modalidades, para resolver esta situação realizei um estudo mais aprofundado acerca das matérias a abordar em cada modalidade, para assim dominar a matéria e poder observar de uma forma mais pormenorizada os principais erros dos alunos e a melhor forma de corrigi-los. Outra dificuldade encontrada foi em transmitir aos alunos uma informação diferenciada em função da fase da unidade didáctica, captando a atenção destes para o essencial das execuções/comportamentos a observar, procurando relacionar a pertinência e adequação das técnicas/acções com as exigências/realidade do jogo/actividade formal. Por outro lado, a falta de conhecimento aprofundado das matérias a abordar (formas de execução das técnicas e acções fundamentais da modalidade), dificultaram a identificação de erros e respectiva correcção/intervenção, sobretudo, ao nível da contextualização das acções.

A principal dificuldade sentida no que à dimensão gestão da aula diz respeito, foi não conseguir dar o tempo necessário previsto para cada exercício, o que muitas vezes aconteceu por diversos/diferentes aspectos, ou porque os alunos não percebiam a explicação dos exercícios e era necessário demorar mais algum tempo

na sua explicação/demonstração, ou porque os alunos demoravam algum tempo a assimilar a organização do exercício e era necessário dar mais algum tempo ao exercício para que os alunos realizassem-no de forma correcta. Noutros casos os alunos demoravam algum tempo a realizar o exercício segundo os critérios definidos e era necessário dar mais tempo de prática antes de passar a outras situações previstas. Para resolver este problema tentei melhorar a explicação/demonstração aos alunos de forma que estes percebessem logo a dinâmica do exercício, a realização de exercícios com dinâmicas idênticas para que os alunos não tivessem que assimilar outro tipo de exercício bastante diferente. Por outro lado também senti bastantes dificuldades na gestão adequada dos espaços desportivos existentes na escola, isto aconteceu devido a alguma falta de planeamento atempado e cuidadoso da minha parte. Em relação à gestão dos grupos de alunos senti também algumas dificuldades durante a aula quando era efectuada uma transição de exercício. Deveria ter definido algumas estratégias neste âmbito, para assim evitar este tipo de problema, como por exemplo, definir grupos de trabalho logo no início da aula que permaneceriam ao longo da mesma.

No que à dimensão disciplina diz respeito, senti por vezes algumas dificuldades em iniciar ou continuar a instrução aos alunos, isto porque muitas vezes os alunos não se calavam para me deixar falar. Tentei lidar com este problema da melhor forma, alertando os alunos para o facto de ser importante estarem atentos ao que eu queria ou estava a dizer, porque depois surgem dúvidas às quais já tinha respondido e também porque por serem alunos com poucas referências desportivas tinham imensas dificuldades em perceber os exercícios propostos e dessa forma era mais difícil eles perceberem. Numa primeira fase calava-me para eles se aperceberem que eu queria falar e eles não deixavam, se não resultasse tinha que aumentar o tom de voz e mandar os alunos calarem-se. Tentei sempre que possível ignorar comportamentos de desvio, porque estes são comportamentos pouco relevantes e apenas servem para aceder às pretensões dos alunos que são destabilizar as aulas.

Em relação à dimensão clima da aula, procurei em todos os momentos promover um ambiente positivo, agradável e humano, para isso tentei relacionar-me da melhor forma possível e aproximada dos alunos e tentei também ser além de professor um “amigo” para eles, relacionando-me com estes fora do tempo de aulas,

estando sempre disponível para ajudar em algum assunto que eles necessitassem. Procurei ser consistente nas atitudes que tomei perante os comportamentos dos alunos, para que todos se sentissem tratados de igual forma. Uma dificuldade que senti foi em manter o entusiasmo dos alunos durante as aulas, nem sempre consegui isto, mas penso que se deveu um pouco à minha personalidade que é um pouco reservada.

### 2.3.2.2.Avaliação

A avaliação é segundo Pinto (2004) citando Mateo *“antes de mais uma forma específica de abordar, de conhecer e de se relacionar com uma dada realidade, que no nosso caso é a educativa. Trata-se de uma praxis que, para cumprir os seus objectivos, necessita de activar tanto, recursos naturais, como sociais e políticos dos contextos em que intervêm”*.

*“A avaliação criterial resulta da comparação das respostas (motoras, cognitivas ou socio.afectivas) dos alunos com um ou vários critérios de êxito. Neste caso deve elaborar-se uma ficha critério, na qual se descrevem os critérios de êxito que se querem ver cumpridos durante a execução de um gesto técnico, por exemplo. A execução de cada aluno é comparada com os critérios definidos, permitindo colocar o aluno em determinado nível de uma escala de valores, ou seja, permite classificar os alunos, distinguindo-os por níveis de sucesso, de zero a cem por cento.”* Aranha (2004)

De acordo com, Nobre, P. (2011) citando De Ketele, a avaliação criterial envolve quatro momentos: estabelecer claramente o objectivo da avaliação; determinar o critério ou critérios relacionados com o objectivo; confrontar os critérios seleccionados previamente com as informações recolhidas na avaliação; formular conclusões para tomada de decisões.

O tipo de avaliação escolhido (criterial), permite respeitar os ritmos de aprendizagem dos alunos e também a formação de grupos nível (diferenciação pedagógica) que têm como objectivo cada aluno se foca nas suas próprias capacidades e objectivos a atingir. A escolha deste tipo de avaliação foi em



detrimento da avaliação normativa que tem como característica a comparação entre alunos.

De acordo com Allal (1989) "a avaliação é dividida em três funções: diagnóstica, sumativa e formativa. A primeira é realizada no início de um ciclo de formação e é útil para a admissão dos alunos e orientação do professor. A segunda ocorre no fim de um período de formação e serve para certificação intermediária ou final. Ambas as funções citadas asseguram que as características dos alunos correspondam às exigências do sistema. E por fim a avaliação formativa que se realiza durante todo o período de formação e sua utilização se faz presente na adaptação das actividades de ensino para a aprendizagem. Esta por sua vez assegura que os meios de formação correspondam às características dos alunos".

De acordo com, Nobre, P. (2011) a avaliação diagnóstica é *"uma forma de averiguar a posição do aluno face a novas e anteriores aprendizagens, face a anteriores aprendizagens que lhe servem de base (pré-requisitos) e pode ter lugar em qualquer momento do processo de ensino e aprendizagem"*. Para a realização deste tipo de avaliação, foi criada uma grelha de acordo com os objectivos e conteúdos definidos pela área disciplinar, abordados pelos alunos no ano anterior em que abordaram a modalidade.

Na minha perspectiva a avaliação diagnóstica é o ponto de partida para o início do processo ensino-aprendizagem, este tipo de avaliação permite-nos identificar o nível dos alunos nas matérias a leccionar, assim sendo, é esta que nos indica os objectivos a propor aos diferentes alunos ou grupos de alunos, permite-nos definir estratégias consoante o nível de desempenho (dificuldades e facilidades sentidas pelos alunos) e de atitude dos alunos. Como referido acima, esta avaliação foi realizada para as três áreas de extensão da Educação Física. Esta avaliação diagnóstica/revisão de conteúdos realizou-se durante as primeiras três semanas do ano lectivo, referindo-me especificamente à área das actividades físicas observei os alunos nas unidades didácticas de basquetebol, futsal e ginástica de aparelhos, tendo elaborado para este efeito uma grelha onde registei aspectos técnicos e tácticos fundamentais para a aprendizagem das diferentes modalidades. Nas outras unidades curriculares, abordadas durante o ano, não foram realizadas avaliações

diagnósticas porque são modalidades que os alunos nunca contactaram, logo, e segundo o grupo disciplinar do Agrupamento de Escolas de Montemor o Velho nestes casos é sugerido o nível introdutório à turma. Na área da aptidão física realizei a bateria de testes do fitnessgram para averiguar os índices físicos dos alunos, em capacidades motoras como a flexibilidade, força média e superior e resistência aeróbia. A partir desta avaliação definimos objectivos a alcançar pelos alunos no final do ano, tendo como referencia a zona saudável de aptidão física, e também objectivos intermédios de forma a poder regular esta evolução. Na área dos conhecimentos e de forma a averiguar o nível de conhecimentos teóricos dos alunos acerca das modalidades a abordar foi realizado um teste escrito de diagnóstico.

As minhas principais dificuldades na realização desta avaliação, começaram por perceber que conteúdos observar durante esta mesma avaliação, para que a minha intervenção no futuro fosse a mais correcta. A outra grande dificuldade teve que ver com a avaliação em si e como detectar as dificuldades/facilidades encontradas nas execuções/prestações dos alunos, e na diferenciação dos mesmos, a pouca experiencia e o pouco conhecimento das matérias tornou esta tarefa muito difícil.

De acordo com, Nobre, P. (2011), *“A avaliação formativa aplicada aos processos de ensino e aprendizagem consiste: na recolha de dados referentes ao progresso e às dificuldades sentidas pelos alunos; interpretação dos dados numa perspectiva criterial e diagnóstica dos factores que originam as dificuldades de aprendizagem observadas no aluno; adopção das actividades de ensino e aprendizagem”*.

Após o Estágio Pedagógico, e na minha opinião a avaliação formativa é um tipo de avaliação essencial, porque esta ocorre desde a primeira aula da unidade didáctica até à última aula da mesma e é aquela que vai dando ao professor feedbacks acerca do trabalho ensino-aprendizagem realizado junto dos alunos. Através desta avaliação podemos regular as aprendizagens dos alunos e também criar estratégias para os alunos com mais dificuldades poderem evoluir (para isso foi criada uma grelha onde apontava tudo que observava durante as aulas), assim como novos desafios para aqueles alunos que já superaram os objectivos que

tínhamos estipulado. O empenho e a atitude nas aulas também são reflectidos neste tipo de avaliação. Esta avaliação tem em conta principalmente duas áreas de extensão da Educação física, como é a actividade motora com a função já referida em cima e também em termos de conhecimentos através do questionamento dos alunos ao longo da unidade didáctica.

As dificuldades que mais senti na realização desta avaliação, foram essencialmente encontrar estratégias que levassem os alunos a conseguir ultrapassar as dificuldades observadas durante as aulas anteriores. Esta dificuldade aconteceu porque o domínio das matérias a leccionar não era o melhor e para encontrar estratégias que pudessem ir ao encontro das dificuldades sentidas pelos alunos é necessário ter conhecimentos mais aprofundados das matérias, neste sentido tive que ler e aprofundar os meus conhecimentos para conseguir estratégias que ajudassem os alunos. Outra dificuldade encontrada foi o preenchimento da grelha pois muitas vezes não anotava logo no final da aula o que tinha observado e quando, mais tarde, ia registar o que tinha observado já me tinha esquecido de alguns pormenores importantes a reter. De alguma forma, tentei melhorar nestes aspectos tentando sempre que possível registar as observações logo no final da aula.

De acordo com, Nobre, P. (2011), *“A avaliação é a valoração de produtos ou processos terminados, com a finalidade de: determinar o valor do produto final; decidir se o resultado é positivo ou negativo, não se pretende melhorar mas valorar definitivamente; Aplica-se no final de uma etapa, de uma unidade de ensino; complementa as restantes formas de avaliação, e consiste na adaptação do individuo ao sistema”*.

Neste processo de avaliação desenvolvido ao longo do ano lectivo, este tipo de avaliação pouco interfere nas notas finais atribuídas aos alunos, isto porque a nossa avaliação não se centra no produto final mas sim em todo o processo, desde a primeira aula até à última aula do período. A avaliação sumativa é importante pois permite-nos realizar um balanço final da actividade, ou seja, é através dos dados fornecidos por esta avaliação que percebemos onde houve evolução por parte dos

alunos, mas também permite ao professor averiguar se os seus métodos implementados tiveram o sucesso esperado.

A avaliação sumativa intermédia ocorreu no final do primeiro e do segundo período nas últimas aulas de cada unidade didáctica, pois houve modalidades a estenderem-se ao longo de todo o ano lectivo, estas avaliações intermédias ocorrem porque optámos por um modelo de planificação essencialmente por etapas, o final destas etapas era coincidente com o final dos períodos, logo, foram realizadas no final dos períodos as avaliações intermédias.

Os parâmetros de avaliação para todas as modalidades, integravam a evolução dos alunos ao nível do desenvolvimento das capacidades motores, foi para esse efeito realizada uma avaliação no início do primeiro período, e no final de cada período de forma a regular a evolução dos alunos nesta componente, para calcularmos o desenvolvimento dos alunos foram comparados os resultados obtidos por estes no início do ano, com os resultados obtidos no final de cada período. Foi dada uma classificação pelos objectivos obtidos pelos alunos no final de cada período (normalmente eram definidos 5 repetições a mais nos objectivos a realizar pelos alunos consoante a prestação anterior, e estas eram contabilizados na grelha de avaliação sumativa de 0 a 5 conforme a evolução dos alunos, outra hipótese era ser definido o objectivo manter e era dada a pontuação máxima aos alunos (5)), esta componente tinha uma percentagem na nota final de 10% (2 valores). Os alunos foram também avaliados na área dos conhecimentos (relativos a cada uma das UD abordada; aos processos de desenvolvimento das capacidades motoras, e ainda, conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas e fenómenos sociais, extracurriculares, no seio dos quais se realizam as actividades física), para este efeito os alunos foram questionados ao longo do período acerca dos vários conhecimentos acerca das modalidades abordadas, assim como, das matérias teóricas abordadas ao longo do ano lectivo, e foi realizado um teste escrito de conhecimentos. Para nos inteirmos do nível que se encontravam, tendo uma percentagem na nota final de 15% (3 valores). A maior percentagem na nota final foi para a área das actividades físicas, 75% (15 valores) da nota final, onde os alunos eram avaliados perante os parâmetros de referência para a avaliação desta Área. Estes parâmetros foram definidos em função dos objectivos finais anteriormente

estabelecidos e, posteriormente ajustados, de acordo com o ritmo de aprendizagem dos alunos, as suas motivações e algumas limitações temporais que condicionaram a abordagem de conteúdos inicialmente previstos.

As dificuldades sentidas neste tipo de avaliação foram sobretudo ao nível do registo das prestações dos alunos, isto porque a aula prevista para a avaliação sumativa era tida como uma aula igual às outras, estas aulas não tinham o “rótulo” de aulas de avaliação. Estas eram aulas com objectivos iguais às restantes aulas dadas ao longo da unidade didáctica, ou seja, com o propósito de fazer evoluir o aluno e as suas aprendizagens. Para isso era preciso estar constantemente a dar feedbacks e estar atento às prestações dos alunos, logo como estratégia era utilizada a máquina de filmar para posteriormente à aula o professor poder observar pormenorizadamente as execuções dos alunos. A atribuição de um valor ao aluno foi uma dificuldade que senti bastante, pois é difícil com a pouca experiência que possuía atribuir esse valor com as reais prestações dos alunos, esta atribuição de valor era facilitada pela avaliação formativa realizada ao longo do ano que nos permitia perceber em que ponto estavam os alunos.

#### 2.3.2.3. Componente ético-profissional

Em relação à componente ética e profissional, de referir que desde o início tive uma postura de respeito e cordialidade por todos aqueles que estiveram presentes durante o meu percurso na escola, tendo a melhorar a pontualidade, que nem sempre tive em algumas reuniões de núcleo de estágio. Nestas reuniões tentei sempre colaborar ao máximo com todo o empenho, cooperação e dedicação, respeitando sempre o trabalho em grupo. Em relação à pontualidade para as minhas aulas, fui sempre cumpridor e rigoroso, estando sempre no local da aula entre 30 a 60 min antes de esta iniciar, esta atitude trouxe bastantes benefícios para a turma porque quando os alunos chegavam à aula já o material necessário para o início da mesma estava montado/preparado, e assim não havia perdas de tempo no início da aula, favorecendo o tempo de actividade motora dos alunos. Quando se iniciou o ano lectivo assumi o compromisso de assegurar a leccionação do 11ºB de forma autêntica e de intervir em todos os aspectos que fosse necessário ao seu desempenho. Para o sucesso do mesmo planeei, realizei e reflecti varias vezes

acerca da minha prestação e tomei várias decisões preponderantes para as práticas futuras.

#### 2.3.2.4. Justificação das opções tomadas

Por determinação dos elementos que compunham o núcleo de estágio, o modelo de planificação que pretendi desenvolver durante o estágio foi o modelo “misto” que é um modelo essencialmente por etapas. Este tipo de modelo de leccionação/planificação, permitiu uma maior distribuição temporal dos conteúdos, diminuindo o tempo de intervalo de abordagem entre anos letivos, aumentando assim, a probabilidade de consolidar e reter, de forma relativamente permanente. Este modelo permite ao professor distribuir ao longo do ano as aprendizagens que pretende efectuar, podendo para esse fim utilizar aulas mono e politemáticas. Este é um modelo de planificação essencialmente por etapas estabelecidas em função das necessidades dos alunos e também em função do “roulement”.

Logo, no decorrer do ano lectivo e nos diversos contextos da sua intervenção pedagógica, foi necessário procedermos a tomadas de decisão, as quais foram sempre apresentadas e discutidas com a Orientadora da Escola, sendo a sua aplicação sujeita à aprovação da mesma. Quando tomamos estas decisões foram, também, sempre consideradas as linha orientadoras da legislação actual, do Projecto Educativo, Projecto Curricular e Regulamento Interno da Escola, e o estipulado pelo Grupo Disciplinar de Educação Física em consonância com o Programa Nacional de Educação Física; em função das necessidades, interesse e motivações dos alunos.

Com vista a uma assimilação sustentada da execução do gesto técnico, as estratégias propostas basearam-se, predominantemente, na execução dos gestos a partir de situações facilitadoras de aprendizagem de forma a simplificar as condições de execução, recorrendo à repetição e respeitando sempre a relevância contextual, ou seja, exercícios analíticos mas sempre tanto em perspectiva o contexto real de jogo, ambas, elementos centrais da aprendizagem. Assim, e particularmente nos jogos desportivos colectivos, os conteúdos técnicos foram, sempre, abordados num contexto referenciado, através de situações de jogo simplificado, reduzido ou condicionado. Na abordagem dos diferentes conteúdos, procurámos progredir de

tarefas “fechadas” para as tarefas “abertas”, no sentido de promover a leitura e interpretação do jogo por parte dos alunos, para estes saberem adequar o “quê”, o “como” e o “quando” realizar os conteúdos abordados.

Foram, também propostos exercícios na sua forma analítica, utilizando situações não só de cooperação mas também de cooperação / oposição, visando não só aproximá-las mais do contexto real (jogo), mas também como forma de incrementar a competitividade e, conseqüentemente, aumentar os níveis de motivação e empenhamento motor.

Relativamente à demonstração dos exercícios realizava eu a demonstração quando me sentia à vontade para demonstrar, sem cometer erros, muitas vezes a utilização de alunos mais competentes (com maior grau de habilidade) revelou-se uma estratégia bastante positiva e facilitadora da aprendizagem, uma vez que permitia associar a informação visual, através de uma execução técnica mais correcta e de acordo com um modelo com que os alunos se identificavam melhor; com a informação verbal, na qual eu fazia referência às componentes críticas e salientava os aspectos mais relevantes para a execução; reforçada, na abordagem da matéria de Ginástica Acrobática, com a visualizações de vídeos no início das aulas, sempre que necessário.

Por decisão/deliberação do Grupo Disciplinar, para as matérias que se iniciavam no currículo, no 11º ano (Ténis, GA, G.Aparelhos e Orientação), não foi realizada a avaliação diagnóstica. Para estas foram definidos os objetivos para o nível Introdutório, sendo propostos os objetivos para o nível Introdutório sugerido pelo Programa Nacional de Educação Física.

Na parte final de cada aula, foi realizado o balanço da mesma, através do diálogo e recorrendo à técnica de questionamento directo, de modo a conferir não só a aquisição de conteúdos como também o nível de satisfação dos alunos face às tarefas realizadas, e promover a extensão de conteúdos para a aula seguinte.

Ao nível da Ginástica Acrobática e de Aparelhos, decidimos leccionar as duas unidades didácticas em conjunto, visto que são necessários recursos espaciais e materiais específicos, só existentes no pavilhão municipal, e também decidimos,

terminar as unidades didáticas de ginástica acrobática e de aparelhos no final do segundo período, visto que são modalidades específicas e necessitam de material adequado, só existente no pavilhão, e nesta altura iríamos iniciar a unidade didáctica de dança e de orientação.

Em relação aos Jogos Desportivos Colectivos, decidi leccioná-los em conjunto devido à similaridade a nível táctico e ao nível dos princípios de jogo, isto possibilitava o transfer destes conteúdos de uma modalidade para a outra, dando mais tempo de exercitação destes mesmos conteúdos. Decidi também acabar a unidade didáctica antes do previsto (estava previsto prolongar-se pelos três períodos, mas terminou no final do segundo período), devido à pouca motivação dos alunos que se deveu ao constante insucesso que estes se deparavam aula após aula.

O ténis foi uma modalidade que decidimos prolongar durante o ano lectivo todo, porque era uma modalidade que os alunos nunca tinham abordado e estes apresentavam um baixo nível de habilidade, isto também porque no início do ano ficou um pouco para trás devido à prioridade dada à resolução dos problemas existentes ao nível dos Jogos desportivos colectivos.

Quanto à orientação, como é uma modalidade essencialmente de ar livre, achamos conveniente iniciá-la após o inverno e num espaço mais amplo (exterior), que ofereça vantagens na abordagem/operacionalização de determinados conteúdos, como a realização de percursos.



### **3.REFLEXÃO**

#### **3.1.APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO**

Aquando do aproximar do início deste estágio, uma das minhas maiores preocupações era a interação com a turma, o conseguir criar uma distância professor-aluno necessária para o bom funcionamento das aulas. Com alunos do 11º ano, com idades entre os 15/16 anos, ou seja, adolescentes numa idade algo complicada, era de esperar maior dificuldade. No início do ano lectivo a turma revelou-se bem comportada e educada, só que este comportamento não se verificou ao longo de todo o ano. Com o passar das aulas, e após algum desleixo da minha parte, porque lhes dei algum espaço em demasia, os alunos começaram a alterar um pouco os seus comportamentos e a desrespeitar mais o professor a cada aula que passava. Este comportamento verificou-se principalmente em relação aos momentos de instrução, estando estes constantemente a falar e a interromper o professor. Também aquilo que fazia antever uma turma unida e “todos amigos” não se verificou, notando-se a formação de grupos e algum confronto entre estes principalmente na formação de grupos de trabalho. A minha análise neste momento é que deveria ter transmitido mais cedo, e de forma mais clara aos alunos um conjunto de princípios, regras e condutas de relacionamento professor-aluno, aluno-aluno e dinâmica da própria aula. Devo manter-me coerente nas minhas reacções e decisões para casos de controlo de disciplina, sabendo analisar e adequar, no entanto, a minha forma de interacção mediante uma alteração de comportamento da turma. A forma como o professor transmite justiça, coerência e segurança é essencial para o estabelecimento de uma relação de respeito com os alunos.

A constante reflexão acerca dos vários documentos de planificação ligados ao estágio, foi uma aprendizagem/aperfeiçoamento essencial durante o desenrolar de toda a minha acção no período de estágio. Toda a minha evolução e o meu desempenho tiveram por base uma reflexão intensa e constante. Em relação às aulas, as reflexões finais realizadas com a presença da orientadora, foram essenciais para conseguir atingir os meus objectivos, que passavam por conseguir ensinar de uma forma positiva os alunos, o processo de aprendizagem deste deve ser o nosso principal foco de preocupação, porque são eles os prejudicados em

caso de nós falharmos em algum aspecto da aula. Foi através destas reflexões que reajustava o meu planeamento e construía os planos de aulas, com o cuidado de reforçar os aspectos positivos e colmatar os negativos, estas permitiam também perspectivar as próximas aulas e a forma de melhorá-las consoante as aulas anteriores. A fundamentação das aulas e o reflectir acerca do porquê de realizar determinados exercícios ou optar por determinadas estratégias fez-me olhar para o plano de aula de uma forma mais responsável, pois não basta escolher exercícios, estes devem ser adequados aos alunos. A adequação dos objectivos por níveis resultou de uma reflexão sobre as avaliações iniciais realizadas à unidade didáctica. A definição dos grupos de nível foi uma grande aprendizagem porque para mim como estagiário foi difícil distinguir os alunos, devido à falta de experiência e também devido à falta de conhecimentos mais aprofundados das matérias. Foi necessário organizar todas as aulas por grupos em função dos objectivos, agrupar os alunos por níveis, visando melhorar o desempenho dos alunos e criar um clima de aula propício à aprendizagem. No que à elaboração de documentos como unidades didácticas e plano anual diz respeito, estes dois documentos fizeram-me enriquecer os meus conhecimentos na elaboração deste tipo de documentos. Quando iniciei a elaboração destes, esta revelou-se algo complicada, particularmente quando procedemos à sequencialização dos conteúdos a abordar ao longo do ano letivo, mas com a ajuda da professora orientadora ultrapassei essas limitações. A justificação da sequencialização dos conteúdos foi algo importantíssimo porque percebi a dificuldade de tentar antever o que vai acontecer, sendo este um processo que requer bastante reflexão, perceber quais os conteúdos a dar prioridade, assim como, perceber que extensão dar aos conteúdos longo do ano. A realização dos relatórios de avaliação sumativa/formativa, que nos permitiu reflectir acerca daquilo que foram as aprendizagens dos alunos ao longo da etapa correspondente. Este balanço de final de período permitiu-me pensar acerca das evoluções que os alunos tiveram, assim como, os conteúdos que teriam de ser novamente revistos porque as estratégias definidas para os mesmos não estavam a funcionar. A reformulação destas estratégias deram-me alguma bagagem porque desta forma abri o meu leque de opções ao ter que repensa-las.

A minha opinião acerca do Professor de Educação Física modificou-se um pouco com a realização de todo este tipo de documentos fundamentais para as aprendizagens dos alunos. O professor não é aquele que chega à aula e realiza um exercício sem pensar sobre este. O professor tem que pensar naquilo que são as necessidades dos alunos, e ajustar os exercícios segundo essas necessidades. Ao realizar estes documentos o professor fica com uma linha orientadora para o ano lectivo, mas não quer dizer que esta não possa ser alterada, tudo tem que ver com a evolução ou não dos alunos.

### 3.2.COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

O professor assume um papel de profissional do ensino, perante a escola e a sua turma, tendo que se reger pelos critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação e pela própria escola. Embora tenha tido um papel de professor estagiário, assumi com responsabilidade e competência o papel de professor, tentando cumprir sempre com os meus deveres.

Foi minha intenção promover aprendizagens significativas no âmbito dos objectivos do Projecto Curricular de Turma, para desenvolver as competências essenciais e estruturantes que o integram; sendo utilizado de forma integrada, saberes próprios da sua especialidade e saberes transversais e multidisciplinares ajustados ao respectivo nível e ciclo de ensino.

O professor deve ter o compromisso de provocar a aprendizagem dos alunos, para isso deve realizar um planeamento/preparação das aulas atempado, criando exercícios de carácter pedagógico e de acordo com os objectivos nunca perdendo de vista a diferenciação pedagógica. Também a realização de vários documentos, como a caracterização da turma, plano anual e unidades didácticas devem ser realizados atempadamente e dentro dos prazos impostos, com o objectivo de ter a planificação elaborada para todo o ano lectivo e assim termos um fio condutor para a realização das aulas, assim como, ter as estratégias definidas para cada modalidade a abordar. O prazo de entrega destes documentos não aconteceu dentro dos prazos estabelecidos, e assim de certa forma posso ter comprometido um pouco as

aprendizagens dos alunos, porque estes são documentos fundamentais para o professor se guiar e para o percurso a seguir nas aprendizagens dos alunos.

### 3.3. INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Privilegiamos um modelo de planificação misto, essencialmente por etapas, ajustando-se ao “roulement” de instalações que, no entanto, não condicionou significativamente a calendarização das actividades da turma. Os ajustamentos que tive de fazer foram em função do número de professores nos espaços em que também me encontrava e das matérias e recursos materiais que estariam a utilizar, sobretudo quando estavam a abordar as mesmas matérias que eu. Foi necessário decidir em que altura da etapa da Unidade Didáctica iria iniciar, desenvolver ou consolidar a abordagem de determinados conteúdos, isto influenciou de forma significativa a calendarização das matérias e a respectiva distribuição de conteúdos.

O modelo possibilita ainda aulas politemáticas e monotemáticas, dependendo das fases das unidades curriculares.

De acordo com este modelo de leccionação são abordados todos os grandes temas ao longo de todo o ano evitando o tema num período restrito do ano. A avaliação inicial tem um protocolo técnico com todas as modalidades desportivas passíveis de leccionar. Existe também uma hierarquização e priorização dos objectivos para esse ano e também uma definição de objectivos anuais essenciais e grande compromisso com estes objectivos.

Efectivamente esta prática pedagógica não é nova, mas a sua aplicação ainda se mantém pouco explorada. Esta minha afirmação tem em conta o meu percurso enquanto estudante do ensino básico e secundário onde todos os meus professores utilizavam um modelo essencialmente por blocos, isto porque me lembro de abordar uma modalidade apenas de cada vez e num período de tempo específico. Os meus professores no início do ano já anunciavam quais as modalidades que ia abordar a turma, assim como, o período em que estas iam ser abordadas. Também eu enquanto estagiário em que este foi o meu primeiro contacto com a realidade e com a leccionação, e tendo em conta que a minha experiência é muito pouca tudo para

mim foi uma novidade. Noutra ponto de vista, e ao observar os outros docentes do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, pude constatar que esta forma de planificação é muito pouco usual, percebendo-se rapidamente que a planificação das suas aulas tem em conta o modelo de leccionação por blocos. Para finalizar constatar que ao falar com outros estagiários ao longo do ano lectivo, pude aperceber-me que estes utilizavam um modelo de ensino por blocos, quando falei com outros estagiários e falei em aulas politemáticas estes nem sabiam de que se tratava e ficavam surpreendidos por eu dar aulas onde abordava duas ou três modalidades na mesma. Estas várias informações que fui recolhendo ao longo do ano lectivo, e também a minha experiência enquanto aluno é me levam a afirmar que para mim o modelo de leccionação que foi abordado na minha turma, o modelo misto essencialmente por etapas, é um modelo de certa forma inovador.

#### 3.4.DIFICULDADES SENTIDAS E RESOLUÇÃO DAS MESMAS

Ao longo deste processo foram várias as dificuldades sentidas a inúmeros níveis, estas foram ultrapassadas com a ajuda da orientadora de estágio e também dos meus companheiros de núcleo de estágio.

O primeiro obstáculo a ultrapassar foi o grande volume de trabalho exigido na parte inicial do estágio. Para ultrapassar isto foram gastas por mim bastantes horas de pesquisa, e foi também necessário a ajuda da orientadora de estágio que colaborou e tirou dúvidas em relação aos vários documentos a elaborar.

A definição de critérios de êxito e de componentes críticas a observar na aula foi um aspecto que no início do ano senti bastantes dificuldades, para resolver esta questão contei com a ajuda da orientadora que me acompanhou, durante algumas semanas, para me ajudar a definir tanto os critérios de êxito como as componentes críticas, esta dificuldade surgiu sobretudo pelo pouco conhecimento acerca de algumas matérias, devo preparar a leccionação das matérias mais atempadamente para assim poder aprofundar os meus conhecimentos sobre elas.

Uma das maiores dificuldades encontrada foi a tomada de decisão relacionada com a selecção dos conteúdos a leccionar, das estratégias a utilizar e dos exercícios propor de maneira a que se consigam atingir os objectivos traçados. Decidir o que ensinar e como o fazer, respeitando sempre as orientações dos programas e do grupo disciplinar de Educação Física e considerando os feedbacks da Orientadora de Estágio, foram problemas que foram ultrapassados no decorrer do ano de Estágio Pedagógico através da leitura de alguma bibliografia, assim como, a ajuda da orientadora da escola dando algumas sugestões fez com que este problema fosse ultrapassado aos poucos, isto resultou numa crescente melhoria das práticas pedagógicas e, naturalmente, no crescimento pessoal e profissional.

As estratégias a desenvolver para os alunos com mais dificuldades, foi algo que também suscitou alguma dificuldade, nomeadamente, na sua integração em grupos de acordo com o nível de proficiência, isto porque a sua integração num grupo homogéneo, permitia uma maior adequação da tarefa ao seu nível de desempenho e, assim, igual oportunidade de aprendizagem; ao integrar um grupo heterogéneo, permitia um maior equilíbrio entre os grupos, fomentando assim a competição e, naturalmente, a elevação dos níveis de motivação e do empenhamento motor, o desenvolvimento das relações interpessoais, de autonomia e inter-ajuda. Com bastante reflexão e leitura acerca das modalidades a abordar foi possível minimizar este problema.

A nota a atribuir aos alunos na avaliação sumativa foi uma das dificuldades que tive que ultrapassar no âmbito do estágio, na medida em que a é difícil tomar algumas decisões congruentemente até ao final, e é difícil também apurar ao pormenor as execuções dos alunos para poder diferenciar as suas notas a atribuir na avaliação sumativa. As primeiras avaliações foram realizadas em colaboração com a orientadora, onde ela explicava o porque de atribuir aquela nota e qual o pormenor para ter menos algumas centésimas a mais ou a menos na comparação de execuções. Também neste ponto o maior aprofundamento acerca de conhecimentos das matérias foi essencial.

### 3.5.ASPECTOS A RESOLVER NO FUTURO

Realizar um planeamento mais atempado das unidades didácticas a abordar. Quanto maior for a brevidade que se fizer estes documentos melhor vai ser o planeamento das aulas, isto porque assim temos um fio condutor das aulas já definido atempadamente, não comprometendo as aprendizagens dos alunos. No que à intervenção pedagógica diz respeito devo melhorar em termos de número de feedbacks fornecido à turma, assim como, melhorar a pertinência desses feedbacks fornecidos, pois é isso que vai fazer evoluir o aluno. Em relação à gestão do tempo de aula, tenho a melhorar a transição entre exercícios, isto porque é onde costumo perder algum tempo da aula e o objectivo é que os alunos estejam em constante actividade motora. Em relação à avaliação os aspectos a melhorar são dois: ter um maior e melhor conhecimento das matérias para aquando da avaliação perceber o que tenho de avaliar e conseguir apontar na hora a classificação e distinção das notas dos alunos, pois a pouca experiência faz com que eu não consiga distinguir algumas execuções dos alunos. A disposição com que enfrento as aulas deve ser mais entusiasta, muitas foram as vezes que passei despercebido, devo assumir mais a aula e ser mais vivo a intervir sobre ela. Ou seja, devo fazer sentir a minha presença na aula, sem exageros mas devo ser um pouco mais interventivo. A minha colocação aquando da realização dos exercícios por parte dos alunos, e aquando da demonstração que lhes realizo, nunca deve ser de costas para os alunos. Devo estar sempre de frente para os alunos, para conseguir observar o que eles estão a fazer.

### 3.6.QUESTÕES DILEMÁTICAS

Em relação às questões dilemáticas estas surgiram essencialmente aquando da leccionação dos jogos desportivos colectivos (Futsal e basquetebol), isto porque apenas tinha dois alunos num nível de desempenho Elementar/Avançado, os restantes elementos deste grupo (quatro) apesar de serem um pouco mais evoluídos que os alunos do grupo de nível introdutório não tinham um nível de habilidades técnicas nem conhecimentos tácticos que pudessem evoluir como os dois alunos em questão, e estes dois alunos eram marcadamente mais evoluídos do que os

restantes alunos da turma, esta situação fez com que fosse impossível criar situações, nomeadamente de carácter tático envolvendo o número suficiente de participantes, que pudessem reflectir a realidade do jogo e que permitissem a evolução das suas aprendizagens. A decisão tomada passou por utilizar estes alunos como agentes de ensino. Foram várias as vezes que estes alunos foram utilizados como “jokers” nos vários exercícios de jogo reduzido realizados na aula, sempre com uma perspectiva de ajudar os seus colegas a evoluir, cooperando com estes nas várias situações de jogo. Outra situação utilizada foi inseri-los na aula como treinadores/árbitros, fazendo parar o jogo quando as questões táticas a abordar na aula não eram realizadas com êxito pelos restantes alunos, alertando/corrigindo essas mesmas situações. Ao mesmo tempo eram árbitros, tentando transmitir/ensinar as regras do jogo aos restantes companheiros. Para estes alunos a avaliação passou por também por parâmetros um pouco diferentes, como a cooperação com os restantes colegas de turma, ajudando os mesmos a evoluir nas suas aprendizagens. De referir também que estes dois alunos receberam estas tarefas com muito bom grado, cooperando de uma forma extraordinária, revelando-se sempre disponíveis a ajudar e compreendendo o porque de lhe terem sido confiadas.

A definição do tempo de extensão das unidades didácticas, sobretudo dos jogos desportivos colectivos, ao longo do ano lectivo foi uma questão que me trouxe algum dilema. Este dilema surgiu, essencialmente, devido à pouca motivação dos alunos desta turma para a prática desta modalidade, porque são alunos com muitas dificuldades nestas modalidades, o que os levava a estar constantemente desmotivados para a prática das mesmas. Inicialmente estava previsto leccionar estas duas modalidades durante todo o ano lectivo, mas após alguma reflexão decidi acabar as modalidades no final do 2º período, porque os alunos não estavam a evoluir não sentido prendido e como disse referi no início do texto a sua motivação não era muita para a prática das mesmas. Com isto foi possível introduzir e dar mais tempo de leccionação a modalidades como a dança e a orientação, que eram modalidades que os alunos nunca tinham abordado e que perspectivava que estes estivessem mais motivados para a prática das mesmas.



### 3.7.IMPACTO DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Enquanto estagiário acho que a minha adaptação ao contexto escolar foi positiva, a minha chegada a esta escola foi recebida com entusiasmo e carinho, havendo uma grande simpatia entre todo o pessoal docente e não docente e para connosco também. Logo numa primeira oportunidade, e acompanhados pela orientadora da escola, fomos apresentados ao Excelentíssimo Senhor Director do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, que nos felicitou e desejou as boas vindas, aproveitando a oportunidade para nos dizer que estava disponível para colaborar connosco em tudo que fosse possível. Após esta primeira apresentação fomos também apresentados às duas funcionárias do polidesportivo da escola, que nos acolheram desde o primeiro dia de uma forma impecável e disponíveis para tudo, criando com elas alguns laços de amizade. Estas duas funcionárias foram incansáveis na ajuda à organização das aulas, colocando todo o material necessário dentro de um carrinho para que assim que eu chegasse tivesse o material disponível. Os funcionários do pavilhão também foram pessoas excepcionais contribuindo para a realização das aulas, ajudando na colocação dos materiais nos locais pretendidos.

Logo no início do ano na reunião de grupo disciplinar tive a oportunidade de contactar pela primeira vez com todos os docentes pertencentes a este grupo, estes revelaram-se extremamente disponíveis para colaborar e desejaram um bom ano de trabalho a todos os estagiários. Foi um primeiro contacto bastante positivo e enriquecedor, pois mostrou-se um grupo bastante unido e acolhedor. O nosso contacto de dia-a-dia com estes professores ia acontecendo no pavilhão ou no polidesportivo e também no bar da escola, mostrando-se estes sempre simpáticos e interessados em saber precisávamos de alguma coisa que eles estavam disponíveis. Fora do grupo disciplinar de Educação Física o contacto com outros professores não foi muito, apenas se realizava na sala de professores quando ia escrever os sumários. A única professora que tive mais contacto foi a directora de turma do 11ºB, com a qual pude contactar varias vezes na função de assessor ao cargo, contactar com esta professora não foi difícil porque ela pôs-me logo à vontade desde o primeiro dia.

O contexto escolar teve em mim um impacto bastante positivo, porque acho que através deste desenvolvi muitíssimas competências ao nível da leccionação, pois este foi o meu primeiro contacto com uma turma, ou seja, foi a primeira que dei aulas e com isso aprendi muito, visto que a minha experiência era muito pouca ou quase nula. Também a nível humano o contexto escolar teve grande impacto em mim, tornando-me uma pessoa mais adulta, responsável e madura.

### 3.8.PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

*“O estagiário é considerado um aprendiz que aprende através da imersão na prática, no desempenho do ofício, observando o mestre a realizar as aulas e aceitando as sugestões dele quando é observado na situação de ensinar”.* Freire, A. (2009)

De acordo com, Capel e colaboradores (1997) citados por Caires e Almeida (2003), *“o estágio pedagógico enfatiza a riqueza e intensidade das aprendizagens ocorridas nesta etapa formativa (Estágio Pedagógico), afirmam que, durante o estágio pedagógico, o candidato a professor constrói o seu repertório de competências e conhecimentos, e desenvolve a sua capacidade de avaliação profissional de uma forma mais rápida e intensa do que em qualquer outra etapa do seu desenvolvimento profissional”.*

Ao longo do estágio pedagógico, foi fundamental/essencial o apoio oferecido pela orientadora de estágio, estando sempre presente e colaborante em todos os momentos mais apertados pelos quais fomos passando. Este percurso difícil e supervisionado iniciou-se bem cedo, logo no dia 2 de Setembro, onde realizamos o nosso primeiro contacto e nos colocámos logo a trabalhar, agendando uma série de reuniões para as duas semanas antes de iniciarmos as aulas. Durante estes quinze dias tivemos bastantes horas de reuniões de forma a iniciarmos alguns trabalhos/documentos relacionados com o estágio e também a preparação das primeiras aulas.

Na aula de apresentação, onde me senti bastante nervoso visto que era o primeiro contacto que estabelecia com a turma, o papel desempenhado pela

orientadora tornou-se fulcral fazendo a ligação entre mim e a turma, deixando-me mais à vontade. Nas restantes aulas do ano a orientadora esteve sempre presente e ajudou-me na elaboração dos planos de aula (quando necessário), fornecendo algumas ideias de exercícios a propor aos alunos consoante os objectivos definidos para atingir, e também dando o feedback a alguns exercícios propostos por mim. No final de cada aula foi sempre realizada uma reflexão conjunta entre mim e a orientadora, onde eram apontados os meus erros a corrigir nas várias componentes que constituem uma aula e eram também apontados os pontos positivos a reter da aula. Eram também fornecidas e debatidas sugestões para a melhoria do funcionamento das aulas.

A elaboração de todos os documentos referentes ao estágio foram enviados por e-mail para a orientadora, para que esta os pudesse ler e enviar feedback, sendo depois estes corrigidos por mim e posteriormente, novamente enviados para a orientadora para esta verifica-los.

Com isto fiquei a ganhar porque tive sempre uma pessoa com experiência na leccionação ao meu lado, e sempre atenta ao que estive a fazer, puxando por mim para que aquilo que aprendi nos anos anteriores fosse agora posto em prática. Provavelmente se o estágio não fosse supervisionado não ia correr muito bem, porque a minha experiência tanto na realização de documentos fundamentais, como a dar aulas não é muita. Ao reflectir em conjunto com a orientadora de Estágio, principalmente, acerca das aulas que dava fez-me evoluir em vários sentidos, nomeadamente acerca dos exercícios a propor aos alunos consoante o seu nível de desempenho, e também ao nível do meu comportamento/atitude durante as aulas. Este processo começou com a orientadora muito perto de tudo o que fazíamos, acabando o estágio, e segundo a minha evolução, numa performance mais autónoma da nossa parte.

#### 4.TEMA

Como motivar alunos para a prática da Actividade Física, tendo estes alunos muito poucas referências a nível desportivo?

Sendo a minha turma composta maioritariamente (18/21) por elementos do sexo feminino, e visto que são alunos em que as referências desportivas são muito poucas, necessitei de pensar e pôr em prática um grupo de estratégias de forma a contornar problemas de motivação destes alunos para a prática de algumas modalidades como são exemplo, principalmente, o futsal e o basquetebol. O nível destes alunos nestas modalidades é muito baixo para o ano escolar em que se encontram, sendo difícil já nesta fase conseguir ensinar a estes alunos conteúdos técnicos e táticos que estes já deveriam ter aprendido em anos anteriores de abordagem a estas modalidades referidas anteriormente. Os próprios alunos têm noção das suas limitações nestas modalidades e isso faz com que a sua motivação para a prática destas modalidades seja muito baixo, sendo necessário estar sistematicamente a dar feedbacks à turma de forma a motiva-la.

É importante neste caso considerar a motivação dos alunos, pois um aluno quanto mais motivado está, mais facilmente aprende, porque o seu grau de interesse e esforço em aprender a matéria ou a modalidade é muito maior. “ A motivação está na raiz do comportamento. Toda a actividade tem origem numa «energia» geradora de «forças», ou de «dinamismos» que mobilizam ou põem em movimento os protagonistas da actividade.” (ABREU, 1998, p.5). Weinberg & Gould (1995) definem a motivação como “a direcção e a intensidade do esforço de um indivíduo”. Alves (2003) citando Roberts (2001) define motivação como “um processo sociocognitivo em que o indivíduo, depois de avaliar a sua competência num determinado contexto de realização e de avaliar o significado desse contexto, se sente motivado ou desmotivado”.

Existem vários tipos de motivações que permitem a um individuo concretizar os seus objectivos, como refere Brito (1974) “existem duas grandes classes de motivações para a concretização de uma determinada tarefa”.

“Motivações intrínsecas (internas ou primárias), ou seja, têm a ver com aspectos essencialmente fisiológicos, com a estrutura orgânica do indivíduo e caracterizam-se por serem não apreendidas e serem imprescindíveis para uma sobrevivência individual.”

A motivação intrínseca dá-se quando o jovem realiza a actividade física por vontade própria na escola, surgindo em consequência da própria aprendizagem.

“Motivações extrínsecas (externas ou secundárias), ou seja, têm a ver de certa forma com aspectos essencialmente psicossociais, fruto da inserção/integração no meio – social, são sensíveis a toda a uma aprendizagem.”

A motivação extrínseca ocorre quando o aluno é envolvido pelos colegas, pelo professor de Educação Física e até mesmo pelos familiares, que incentivam a sua participação nas aulas de Educação Física. Enquanto as motivações intrínsecas têm a ver com o próprio indivíduo, e o professor nada pode fazer pois são motivações que não podem ser aprendidas, por outro lado as motivações extrínsecas podem de certo modo ser controladas pelo professor, ou pelo menos podem ser incentivadas pelo professor.

O professor tem um papel fundamental na aprendizagem dos alunos, pois o professor não pode ser apenas um animador, ou aquele que vai dar uma aula de ed. Física por ser divertido, o professor deve ter preocupações com os alunos ao nível da sua motivação para a prática das várias modalidades, ou seja, o professor tem que perceber aquilo que os alunos gostam e não gostam e o porquê, para assim criar estratégias que consigam motivar os alunos nas aulas de ed. Física.

“A nossa ânsia de fazer com que os alunos aprendam o currículo prescrito, tendemos a negligenciar a verdade evidente de que a motivação para aprender surge da necessidade de quem aprende, e não das do professor” (Lindgren, 1971).

“O conhecimento da relação entre a prática motora e o conjunto das motivações dos praticantes de atividades físicas é essencial para a intervenção do profissional desta área” (Paim & Pereira, 2004).

Segundo o Programa Nacional de Educação Física, devemos promover junto dos alunos o gosto pela prática regular de actividade física, e também aprofundar a compreensão da sua importância como factor de saúde ao longo da vida. Para conseguirmos atingir estas finalidades é importante que os alunos estejam motivados para isso, logo, é importante que os alunos tomem o contacto com modalidades que estes gostem, ou tenham gosto em experimentar. É aqui que entram novamente as finalidades do Programa Nacional de Educação Física, que nos diz que devemos assegurar o aperfeiçoamento dos jovens nas actividades físicas da sua preferência, de acordo com as suas características pessoais e motivações, através da formação específica e opcional, num conjunto de matérias que garanta o desenvolvimento multilateral e harmonioso da aptidão física. Ou seja, o Programa Nacional de Educação Física, permite que o professor dê a escolher aos alunos aquelas matérias que eles têm mais gosto, mas sempre numa perspectiva de corresponder a um conjunto de matérias que proporcione ao aluno a sua evolução em vários aspectos, tanto a nível das capacidades motoras coordenativas, como ao nível das capacidades motoras condicionais, e também a nível psicológico e social. O professor pode dar a escolher aos alunos as matérias a abordar, mas sempre dentro dum limite que possa dar a possibilidade ao aluno de desenvolver várias capacidades e aspectos inerentes à Educação Física. Estando estes alunos a frequentar o 11º ano, tendo já alguma maturidade, e visto que o Programa Nacional de Educação Física assim o permite, uma das estratégias utilizadas para motivar estes alunos, foi dar-lhes um leque de opções dentro daquilo que eram os gostos dos alunos e os recursos da escola, para a escolha de matérias a abordar durante o ano, esta foi uma das razões para terminar algumas das matérias nucleares antes do tempo, e iniciar modalidades novas que fossem do gosto dos alunos.

Segundo um estudo realizado em 2009/2010 intitulado “A Motivação para as Aulas de Educação Física – no 3ºciclo do Concelho de Santa Maria da Feira” podemos perceber que as principais motivações destes alunos para as aulas de Educação Física passam por “manter a forma” e “fazer novas amizades”. De acordo com Lima, C.M.M. (2010) “Estes dois motivos foram mais apontados por parte do género feminino, o mesmo se verifica no estudo realizado pelos autores Gould,

Feltz, Weiss e Petlichk (1982) citados por Cruz, em que o género feminino dava maior importância ao motivo “amizade” em comparação ao género masculino”.

Um estudo referente a 2012, intitulado “Motivação para a Prática Desportiva nos Alunos do Ensino Básico e Secundário: Influência do Género, Idade e Nível de Escolaridade”, apresentou algumas conclusões importantes para este problema aqui debatido “Já no que se refere ao género, as raparigas apresentam valores menores na motivação referente às aprendizagens técnicas e ao fitness, na motivação em função do estatuto social e nas influências extrínsecas para a prática. No entanto, não se encontraram diferenças, relativamente aos rapazes, nas motivações para o trabalho em equipa, para a socialização e para a libertação de energia”. De acordo com N. Januário, C. Colaço, A. Rosado, V. Ferreira, R. Gil (2012) “Fonseca (1995) corrobora as conclusões aqui obtidas, mencionando que, de uma forma geral, as raparigas dão menos importância aos motivos relacionados com a realização e o estatuto pessoal”.

Machado et al. (2005) referem que “os sujeitos do sexo masculino indicaram como motivo principal para a prática de actividade física motivos relacionados com a saúde, enquanto o sexo feminino referiu o divertimento”.

Desta forma, as raparigas parecem ter motivos diferentes dos rapazes para a prática desportiva, concedendo mais importância a motivos relacionados com a amizade e a afiliação e menos importância a motivos relacionados com a competição, estatuto e reconhecimento.

Em estudos realizados em algumas escolas, e segundo alguns autores, os factores “amizade” e “trabalho em equipa” foi o mais apontado pelo género feminino como o principal factor de motivação para as aulas de Educação Física. Este estudo vem reforçar as minhas convicções em que a turma tem preferência por modalidades como a ginástica acrobática e a dança, pois a motivação para estas modalidades é mais que evidente. Talvez por estas serem modalidades em que o trabalho/espírito de grupo, a relação interpessoal e o convívio sejam mais fomentados, e a competitividade/oposição em “jogo” não exista, é por estas razões que esta turma tem preferência e se sente mais motivada aquando da abordagem a estas modalidades.

Alves (2003), relata que “os conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física, geralmente modalidades colectivas, onde predomina a competição, poderão provocar um maior interesse por parte dos rapazes. Pensamos que os resultados poderiam ser bem diferentes se as modalidades fossem outras (por exemplo, Ginástica, Dança), manifestando-se assim um maior empenho por parte das raparigas”.

Os alunos do sexo masculino, em comparação com os alunos do sexo feminino, têm mais motivação para as aulas de Educação Física. De acordo com alguns estudos os rapazes apresentam maior persistência e empenho na realização das tarefas propostas. No geral as aulas de Educação Física no ensino secundário são mais direccionadas para desportos colectivos, onde a competitividade e a demonstração de habilidade superior em relação aos outros são uma constante, e estes são aspectos que os rapazes preferem. Neste sentido o professor de Educação Física deverá preocupar-se mais em abordar com maior frequência modalidades como a Ginástica Desportiva, Rítmica e Acrobática, a Aeróbica, a Dança, podendo, assim ter nas suas aulas raparigas mais motivadas e predispostas a participar com empenho nas aulas de Educação Física.

Com a experiência adquirida ao longo deste ano lectivo fiquei convicto que a motivação não está só na própria matéria (actividades), mas também na própria aula, ou seja, nos exercícios propostos. Exercícios onde existam a competitividade e a demonstração de habilidade superior em relação a outros não são do agrado dos alunos do sexo feminino. Também a realização de tarefas onde o insucesso seja perceptível pelo próprio aluno, não são positivas para este tipo de alunos, porque este tipo de turma (maioritariamente feminina) revela-se pouco persistente e empenhada em ultrapassar as dificuldades visíveis, desmotivando muito rapidamente.



## 5.CONCLUSÃO

Este estágio marca o final da minha última grande etapa alcançada no meu percurso académico, e teve um papel fundamental na consolidação e aplicação de todos os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e o 1º ano de mestrado. Quando assumi este estágio a minha grande preocupação era garantir a aprendizagem de todos os alunos e dar as mesmas oportunidades de alcançar os objectivos a todos os alunos. Para isso produzi vários documentos fundamentais para o desenrolar do estágio. A motivação dos alunos durante todo o ano foi sempre uma preocupação que mantive, visto que é um aspecto que influencia e muito o sucesso dos alunos. De forma a criar um bom clima de aula, ligado à motivação e às aprendizagens dos alunos, é fundamental o empenho do professor na planificação da mesma. Vários factores devem ser tidos em conta na organização e gestão de cada aula, o nível dos alunos e se necessário diferenciar o ensino e assim adequar as tarefas, a motivação dos mesmos e o tempo de empenhamento motor. Participei também em todas as acções promovidas pelo núcleo de estágio e pelo grupo de educação física, acompanhei a directora de turma no desempenho desta mesma função, e tudo isto fez com que se despertasse em mim um espírito ainda maior de empenho, motivação e ambição em querer aprender mais.

## 6.BIBLIOGRAFIA

ALLAL, Linda – **Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação.** Editora Almedina, Coimbra 1986 (pp.59-118).

ALVES, Diana – **Determinantes Motivacionais para as Aulas de Educação Física: O caso dos alunos do ensino secundário do concelho de Vila Nova de Gaia.** Faculdade de Ciências do Desporto e Educação física, 2003.

ARANHA, Ágata. **Organização, planeamento e avaliação em educação física.** Sector Editorial dos SDE, Vila Real, 2004.

BENTO, Jorge Olímpio – **Planeamento e avaliação em educação física.** ISBN 972-24-1298-1.Livros horizonte, 3ª edição, 2003.

CAETANO, Angélica; JANUÁRIO, Carlos – **Motivação, Teoria das Metas Discentes e Competência Percebida.** Revista Pensar a Prática, volume 12, nº2, 2009.

CAIRES, Susana; ALMEIDA, Leandro S. – **Vivências e percepções dos estágios pedagógicos: estudo com alunos de licenciaturas em ensino.** Psico-USF, v. 8, n. 2, p. 145-153, Jul./Dez, 2003.

COSTA, Viriato Santos; FERNANDES, António Serôdio; MAIA, Miguel – **Hábitos Desportivos dos Jovens do Interior Norte e Litoral Norte de Portugal.** Revista Port. Cien. Desp., Volume nº9, nº2. Departamento de Desporto, UTAD, 2009.

Documentos de apoio da disciplina de Avaliação Pedagógica em Educação Física, leccionada no 1º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensino Básicos e Secundários, FCDEF-UC

FREIRE, Ana Maria – **Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos.** Departamento de Educação de Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2009.

GALVÃO, Zenaide – **Educação Física Escolar: A Prática do Bom Desporto.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, nº1, 2002.

JANUÁRIO, C., COLAÇO, C., ROSADO, A., FERREIRA, V., GIL, R. – **Motivação para a Prática Desportiva nos Alunos do Ensino Básico e Secundário: Influência do Género, Idade e Nível de Escolaridade.** Vol. 8, n. 4, pp. 38-51, 2012.

LIMA, Cármen Margarida Marques – **A Motivação para as Aulas de Educação Física no 3ºciclo do Concelho de Santa Maria da Feira. Santa Maria da Feira.** Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2012.

MACHADO, A. A. – **Interacção: um problema educacional.** De Lucca, E. Psico, 2004.

MARZINEK, Adriano – **A motivação de adolescentes nas aulas de educação física.** Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física. Universidade católica de Brasília, 2004.

MARZINEK, Adriano; NETO, Alfredo Feres – **A motivação de Adolescentes nas Aulas de Educação Física.** Revista Digital, nº 105, Buenos Aires, 2007.

PINTO, J. – **A avaliação em Educação.** Escola Superior de Educação de Setúbal, 2001.

